

O CAMBIO FAVORECE, MAS CRISE E INOPERÂNCIA INTERNA IMPEDEM GANHOS DE COMPETITIVIDADE NOS EMPREENDIMENTOS FLORESTAIS

Os vários segmentos do setor florestal brasileiro têm esboçado reações e medidas para suportar e superar a crise econômica do país. Como já dito aqui em várias ocasiões, aqueles segmentos mais estruturados e com competitividade internacional encontraram na exportação o canal para tirar proveito do dólar muito valorizado em relação ao real e, assim, garantir rendimentos e sobrevivência nesse período difícil para as empresas nacionais. No entanto, a crise econômica está sendo assolada por uma crise política e de inoperância dos setores governamentais, principalmente em âmbito federal. Pior que a crise é a instabilidade que o governo federal causa quando não esboça medidas contundentes e aguerridas de combate às causas da crise, pois isso causa baixa expectativa de retorno do crescimento, principalmente, no futuro mais próximo. A Análise Conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas), do mês de novembro de 2015, dá uma perspectiva do setor florestal frente aos desafios de reação do país à crise. Ressalta-se que a inoperância governamental possivelmente vai corroer e desestruturar segmentos e setores da economia que hoje estão suportando a crise em função das exportações. Estes precisam de uma luz no final do túnel, pois não conseguirão persistir por muito tempo em uma situação de “economia nacional a deriva”.

Segmento de Celulose e Papel

No final deste ano, foi observado aumento nas exportações e importações brasileiras de celulose. As importações e exportações brasileiras de papel permaneceram relativamente constantes. Por sua vez, a produção de celulose foi crescente e a de papel se manteve aproximadamente estável em relação ao mesmo período de 2014.

A produção de celulose atingiu 12,7 milhões de toneladas, de janeiro a setembro de 2015, crescimento de 5,2% sobre o volume do mesmo período de 2014, que foi de 12,1 milhões de toneladas. A produção de papel se manteve praticamente estável de janeiro a setembro de 2015 e atingiu 7,8 milhões de toneladas. No período,

as vendas domésticas de papel somaram 4 milhões de toneladas, volume 3,8% inferior em relação ao mesmo período de 2014.

Recentemente, a Cenibra suspendeu a produção de celulose nas duas linhas de sua fábrica na cidade de Belo Oriente, em Minas Gerais, após lama e detritos liberados com o rompimento da barragem da mineradora Samarco, em Mariana, terem alcançado área próxima ao local de captação de água. Por sua vez, a Fibria também está monitorando a situação, pois capta água da região próxima a bacia do rio Doce para sua fábrica em Aracruz, no Espírito Santo. A empresa está usando reservatórios próprios com capacidade de abastecimento da unidade de 100 dias. Esse fator pode causar aumentos no preço da celulose nos próximos meses, pois estas empresas detêm uma parcela significativa do mercado mundial de celulose de fibra curta.

No caso do papel, há expectativa de aumento de preços no mercado interno. A Suzano Papel e Celulose, por exemplo, anunciou reajustes na sua linha de produtos de papel no mercado brasileiro, a partir de fevereiro de 2016. Para o papel *cut size* o aumento anunciado foi de 24,3% e para o papel *off set* em bobina o aumento foi de 23,8% para 1º de fevereiro de 2016. Será anunciado também aumento dos preços do papel cartão nas próximas semanas.

Em São Paulo, de julho a setembro de 2015, os preços da celulose e dos papéis *cut size* e *off set* apresentaram pequenos acréscimos, respectivamente, 0,4%, 1,5% e 1,4% ao mês (Quadro 1).

Quadro 1 – Preço da celulose e do papel, em São Paulo, julho a setembro de 2015

Preço	Celulose (US\$/ton.)	Papel offset (R\$/ton.)	Papel cut size (R\$/ton.)
Jul/15	795,92	3.407,81	3.438,30
Ago/15	801,84	3.458,99	3.488,09
Set/15	802,8	3.509,35	3.535,19
Varição (% ao mês)	0,4	1,5	1,4

Fonte: CEPEA (2015), elaborado pelos autores.

Com relação às exportações e importações, de agosto a outubro de 2015, foi observado aumento nas exportações brasileiras de celulose (17% ao mês) e nas importações (5,7% ao mês). As exportações e importações de papel ficaram relativamente estáveis, 0,7% ao mês e -0,6% ao mês (Quadro 2). O crescimento nas exportações de celulose foi influenciado, principalmente, pela valorização do dólar.

Quadro 2 – Exportações e importações brasileiras de celulose e papel, agosto a outubro de 2015, em mil US\$/FOB

Período (mês)	Celulose		Papel	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
Ago/15	428.979	29.135	168.453	70.249
Set/15	497.896	20.902	166.049	75.925
Out/15	586.775	29.193	170.706	68.949
Variação (% ao mês)	17,0	5,7	0,7	-0,6

Fonte: Aliceweb (2015), elaborado pelos autores.

Segmento de Madeira Processada

Em outubro de 2015, as exportações de madeira e derivados foram de US\$173,3 milhões, representando uma redução de 0,8% em relação ao mês anterior e queda de 23% em relação a outubro de 2014. Observa-se, também, que as exportações vêm caindo nos últimos três meses (Quadro 3). Já as importações de outubro foram de US\$11 milhões, representando um aumento de 19,8% em relação ao mês anterior. Desta forma, o saldo na balança comercial de outubro reduziu-se 2% em relação ao mês anterior, representando o terceiro mês consecutivo de queda, alcançando US\$162,3 milhões. No acumulado do ano de 2015, de janeiro a outubro, as exportações totalizaram US\$1,9 bilhões, apresentando um aumento de 3,4%, quando comparadas às do mesmo período do ano passado. As importações de janeiro a outubro de 2015 totalizaram US\$99 milhões e foram 23,5% menores em relação ao mesmo período de 2014. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2015 é de US\$1,8 bilhões, 5,5% maior que igual período do ano passado (Quadro 3). Portanto, no acumulado do ano, os valores da exportação e balança comercial se aproximam dos valores do ano passado. A diferença fica por conta da menor importação em virtude da alta do dólar frente ao real. Tudo isso mostra que, apesar dos esforços do segmento para sair da crise, este não tem obtido sucesso e deve fechar sem crescimento satisfatório.

Quadro 3 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a outubro de 2014 e 2015, em US\$1.000

Mês	2015			2014			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan	161.095	11.579	149.516	144.340	12.507	131.833	11,6	-7,4	13,4
Fev	180.993	9.071	171.922	184.376	13.911	170.464	-1,8	-34,8	0,9
Mar	236.351	9.965	226.385	177.876	11.741	166.135	32,9	-15,1	36,3
Abr	210.225	10.775	199.450	181.800	12.160	169.639	15,6	-11,4	17,6
Mai	192.923	9.960	182.963	196.582	12.344	184.237	-1,9	-19,3	-0,7
Jun	196.476	8.513	187.964	165.475	13.083	152.392	18,7	-34,9	23,3
Jul	198.965	10.858	188.108	187.096	14.532	172.564	6,3	-25,3	9,0
Ago	182.921	8.146	174.775	188.858	11.176	177.681	-3,1	-27,1	-1,6
Set	174.760	9.175	165.585	192.886	14.705	178.181	-9,4	-37,6	-7,1
Out	173.315	10.991	162.324	225.359	13.310	212.048	-23,1	-17,4	-23,4
Acumulado	1.908.025	99.033	1.808.992	1.844.647	129.472	1.715.175	3,4	-23,5	5,5
Variação % entre Out.e Set.	-0,83	19,79	-1,97	16,84	-9,48	19,01			

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

Segundo José Nelson Neto, que trabalha com reflorestamento em União da Vitória-PR, todos tinham esperança que o aumento do dólar iria ser repassado para o preço da madeira vendida no exterior, mas este fato não ocorreu. Com a crise econômica do Brasil, muitas empresas que consumiam esta matéria-prima fecharam ou mesmo diminuíram a produção, provocando um excedente de madeira no mercado interno. A saída foi a exportação, mas o excedente de oferta fez com que o preço caísse, anulando a alta do dólar. Ele comenta: "Esse ano por falta de obras no país, todo mundo foi para o mercado externo".

Este fato explica porque algumas empresas do segmento não estão conseguindo aumentar os lucros mesmo exportando mais compensados e outros produtos. As vendas de madeira bruta no mercado interno praticamente estagnaram-se e mesmo o crescimento das exportações não foi suficiente para absorver toda a oferta de madeira. "Hoje não conseguiríamos sobreviver apenas no mercado interno. Apesar de não lucrar como planejávamos, com mercado externo estamos conseguindo pagar as contas", explica Guilherme Ranssolin, diretor de madeira (G1 PR, 2015).

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

No acumulado dos últimos dez meses de 2015, as exportações de ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e borracha natural superaram suas importações, possibilitando que o saldo acumulado na balança comercial fosse de US\$37,8 milhões. No mês de outubro, a comercialização desses produtos florestais não madeireiros apresentou comportamento semelhante, com saldo de US\$3,7 milhões na balança comercial.

O somatório de US\$315,9 milhões das exportações dos PFM's selecionados, de janeiro a outubro deste ano, representou aumento de 4,1% sobre o mesmo período de 2014 (US\$303,4 milhões), enquanto que em outubro de 2015, as exportações caíram 18,6% na comparação com o mês anterior, totalizando US\$26,2 milhões. Neste mesmo mês, as vendas externas de borracha natural e castanha do brasil reduziram-se 98,7% e 33,8%, respectivamente, e somente a exportação de taninos aumentou (9,1%) em relação a setembro (Quadro 4).

A queda das exportações de castanha de caju perdura desde os últimos cinco meses. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2015), em novembro, esse foi um dos produtos que apresentou o valor de mercado abaixo do preço de garantia do Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar. Por isso, como forma de incentivar os agricultores familiares a cultivá-la, foi concebido, novamente, desconto no pagamento para aqueles que solicitarem financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Em relação à heveicultura, a alta do dólar está animando os produtores de modo que alguns brasileiros que optaram por morar na cidade de São Paulo estão retornando para o campo, pois como o preço da borracha no Brasil é cotado em dólar, a valorização desta moeda aumentou os salários dos seringueiros. Quanto mais árvores são manejadas, maior o rendimento, que pode chegar a R\$1.500 ou R\$1.600 mensal (JORNAL NACIONAL DA GLOBO, 2015).

Quadro 4 – Exportações e importações brasileiras dos PFMN's selecionados, de janeiro a outubro de 2014 e 2015, em 1.000 US\$ FOB

Produto não madeireiro	Meses	Exportação			Importação		
		2015	2014	Variação 2015-2014	2015	2014	Variação 2015-2014
Ceras vegetais	Set	8.790	11.127	-21%	95	210	-55%
	Out	8.653	10.693	-19%	53	111	-52%
	Jan-Out	100.314	97.216	3%	1.091	1.585	-31%
Mate	Set	7.719	10.803	-29%	0	0	-
	Out	6.802	10.794	-37%	0	97	-
	Jan-Out	85.688	94.992	-10%	117,23	573,17	-80%
Castanha de caju	Set	8.167	9.101	-10%	85	0,00	-
	Out	7.250	7.388	-2%	262	0	-
	Jan-Out	84.092	92.697	-9%	29.678	10.503	183%
Castanha do Brasil	Set	4.496	638	605%	0	933	-100%
	Out	2.977	1.639	82%	0	408	-100%
	Jan-Out	38.669	12.710	204%	426	2.426	-82%
Taninos	Set	422	421	0%	530	231	129%
	Out	461	265	74%	326	141	131%
	Jan-Out	3.153	3.693	-15%	4.316	3.970	9%
Borracha Natural	Set	2.570	161	1497%	24.031	28.914	-17%
	Out	33	4	686%	21.837	34.067	-36%
	Jan-Out	4.041	2.104	92%	242.571	293.867	-17%

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

De janeiro a outubro de 2015, as importações decresceram 11,1% (US\$278,2 milhões), quando comparadas com o mesmo período de 2014 (US\$312,9 milhões). Embora a importação da borracha tenha reduzido 17,5%, no acumulado de 2015, em relação a igual período de 2014, continua sendo o produto com maior participação (87,2%) no valor total das importações dos PFMN's selecionados.

Na passagem de setembro para outubro de 2015 houve decréscimo de 9,2% nas importações desses PFMN's, ou seja, em outubro US\$22,5 milhões foram desembolsados para comprá-los do mercado externo. O mate e a castanha do Brasil continuaram não sendo importados, assim como no mês de setembro. Em contrapartida a importação da castanha de caju foi 3,1 vezes maior e foi o único produto que apresentou aumento de importação (Quadro 4).

Segmento Moveleiro

Este é um ano para não ser lembrado pelos industriais. Foi marcado por falta de resultados e crescimento para o setor. É um ano para se aprender como sobreviver na crise, com uma produção enxuta e sob rigoroso controle de gastos e de custos.

Essas são as palavras do presidente do Sindicato e da Associação dos Moveleiros do Oeste de Santa Catarina (Simovale/Amoesc), Osni Carlos Verona: “Tentamos buscar o aumento da produtividade reduzindo o custo unitário interno para poder driblar o custo Brasil e reduzir os prejuízos. A queda na produção foi em torno de 18%, em média, no grande oeste catarinense. O desemprego já atinge 11%. O consumo baixou de várias maneiras nos diferentes segmentos e oscila entre 10% e 40%. As empresas mais atingidas são aquelas que produzem em grande escala para as classes C e D e têm como clientes os grandes magazines. Está cada vez mais difícil produzir nesse cenário caótico e doentio que deixa a economia estagnada, engessada. A produtividade está em queda. Com a inflação, somos obrigados a repassar os custos de produção e, aí, as vendas diminuem. Somos forçados a reduzir o quadro de pessoal. O medo surge, a insegurança aumenta e os investimentos são adiados”.

Em setembro de 2015, o setor moveleiro mantém desempenho negativo e piora seu resultado em relação ao mês de agosto. Estava entre os seis piores setores analisados pelo IBGE, passando a ocupar, agora, a quarta posição dentre os 26 setores analisados, com queda em torno de 22% na comparação de setembro de 2015 com setembro de 2014. A indústria como um todo teve uma queda de 11%, aproximadamente, segundo a mesma fonte. Apenas a indústria extrativa (2,6%) e bebidas (1%) tiveram resultado positivo.

Ainda com relação às transações com o exterior, em outubro, as exportações de móveis, acumuladas dos últimos 12 meses (nov.2014 a out.2015), para o conjunto dos dados analisados nessa pesquisa, somaram US\$418 milhões, aproximadamente. Este valor é 8% menor do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (nov.2013 a out.2014). No acumulado de 2015, as exportações dos dez primeiros meses estão 10% menores do que as dos dez primeiros meses de 2014 (Quadro 5). Desse modo, o país já teria perdido, nesse ano, cerca de 36 a 40 milhões de dólares no comércio de móveis com o exterior.

Em outubro de 2015, as exportações foram 27% menores em relação a outubro de 2014 e, em relação ao mês anterior, setembro de 2015, estas foram 5% maiores.

Quadro 5 – Exportações e importações brasileiras totais de móveis de janeiro a outubro de 2014 e 2015 e acumulado dos últimos 12 meses(US\$1.000 FOB).

Meses	Exportações totais		Variação	Importações totais		Variação
	2014	2015	2015/2014	2014	2015	2015-2014
Jan	28.754	25.064	-13%	1.796	1.994	11%
Fev	35.036	30.901	-12%	1.880	1.497	-20%
Mar	38.596	43.464	12%	1.547	2.355	52%
Abr	35.959	35.287	-2,%	2.406	2.142	-11%
Maio	39.338	37.223	-1%	1.718	1.399	-19%
Jun	33.122	33.383	1%	1.891	1.625	-14%
Jul	39.492	36.516	-7%	2.166	2.413	11%
Ago	38.837	31.126	-20%	2.864	1.809	-37%
Set	43.596	33.429	-23%	1.872	1.862	-0.5%
Out	48.547	35.210	-27%	2.368	1.412	-40%
Acumulado Últimos 12 meses	456.447	418.442	-8%	24.216	21.719	-10%
Acumulado no ano de 2014 e 2015	381.281	341.607	-10%	20.513	18.513	-10%

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

O acumulado das importações dos últimos 12 meses (nov.2014 a out.2015) é 10% menor do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (out.2013 a set.2014), ou seja, US\$22 milhões, aproximadamente. As importações acumuladas nos dez primeiros meses do ano de 2015 somam US\$19 milhões, aproximadamente, e são 10% menores do que as acumuladas no mesmo período do ano de 2014. Em relação a outubro de 2014, as importações de outubro de 2015 tiveram drástica redução, de cerca de 40%. Já com relação ao mês imediatamente anterior, ou seja, setembro de 2015, a queda foi de 24%. O forte encarecimento do produto importado explica em grande parte essas reduções nas importações de móveis, oriundos, principalmente, da China. Ainda, segundo o presidente do Sindicato e da Associação dos Moveleiros do Oeste de Santa Catarina (Simovale/Amoesc) Osni Carlos Verona: "A China é a maior fábrica do mundo hoje e está prejudicando de duas formas nossos mercados interno e externo. No mercado interno, coloca produtos no Brasil a preço menor que os custos das fabrica brasileiras. No mercado externo, ninguém consegue desenvolver o volume de produção em grande escala com um custo menor que os preços de fabrica. Em

resumo: a China acaba com nossa competitividade. Tudo isso ocorre há muito tempo e não se faz nada para ajustar estes indicadores de custo da fabricação interna no Brasil.”

Segmento de Carvão para Siderurgia

Os preços dos produtos florestais acompanham o comportamento de queda acumulada da produção siderúrgica nacional e principalmente da queda das suas exportações, que vinham segurando esse mercado. Com a diminuição da demanda industrial pela matéria-prima florestal, os preços, que já vinham em declínio, caíram ainda mais. O carvão que iniciou o ano de 2015 com preços médios em torno de R\$575 a tonelada, em Minas Gerais, chegou, em outubro, com preços em torno de R\$441 a tonelada (queda de 23,3%).

As vendas de produtos siderúrgicos ao mercado brasileiro em outubro de 2015 mostraram queda de 23,5% em relação a 2014, atingindo 1,5 milhões de toneladas. As vendas acumuladas em 2015, de 15,7 milhões de toneladas, tiveram redução de 15,2% com relação ao mesmo período do ano anterior.

Com relação ao consumo aparente nacional, o resultado de outubro de 2015 foi de 1,7 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, totalizando 18,6 milhões de toneladas no período de janeiro a outubro de 2015. Esses volumes representaram queda de 26,4% e 15,2%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Minas Gerais e Rio de Janeiro lideram a produção nacional de siderúrgicos, sendo responsáveis, juntos, por 60% de toda produção de aço bruto, laminados e semi-acabados do país.

A produção brasileira de aço bruto em outubro de 2015 foi de três milhões de toneladas, queda de 2,3% quando comparada ao mesmo mês em 2014. Em relação aos laminados, a produção de outubro, de 1,9 milhões de toneladas, apresentou queda de 14,2%, quando comparada com outubro do ano anterior. Com esses resultados, a produção acumulada nos dez primeiros meses de 2015 totalizou 28,2 milhões de toneladas de aço bruto e 19,3 milhões de toneladas de laminados, quedas de 1,3% e de 8,8%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2014.

Sobre a produção de ferro gusa, a mesma atingiu a casa dos 2,4 milhões de toneladas em outubro de 2015, valor igual ao produzido no mesmo período do ano passado e levemente superior ao mês de setembro de 2015. No acumulado de janeiro

a outubro, a produção de ferro gusa teve ligeiro aumento de 4,3%, comparada com o mesmo período do ano anterior.

As exportações de ferro gusa tiveram queda expressiva no comparativo de outubro de 2014 com o mesmo período de 2015. De 349 milhões de toneladas exportadas em 2014 para 159,8 milhões de toneladas em 2015 (queda de 54,2%). Apesar disso, no acumulado de janeiro a outubro de 2015, as exportações tiveram aumento de 9% comparado ao exportado no mesmo período de 2014.

As expectativas predominantes no mercado siderúrgico apontam para o recuo de receitas, a negociação de empréstimos, a reversão de lucros para prejuízos e, conseqüentemente, o aumento de demissões. A queda das exportações torna o momento que já era difícil ainda pior.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.